

# António J. Miranda: o colecionador por excelência. 1921-2013

Fernanda Vizcaíno\* / Rui Sousa\*

## Palavras-chave

Fernando Pessoa, António J. Miranda, Santo Tirso, Coleccionismo, Mapas.

## Resumo

António José Miranda foi uma das mais emblemáticas personalidades de Santo Tirso. Homem de grande determinação, a sua carreira de médico conjugou-se com uma contínua preocupação com as necessidades individuais e coletivas da sua terra. Ao longo das décadas, colecionou um multifacetado conjunto de obras de arte, incluindo quadros, uma coleção de numismática, vasos gregos ou a vasta e completa biblioteca, na qual Fernando Pessoa e o seu contexto se dão a ver. É este homem de grande rigor e coerência humana que damos a conhecer neste breve perfil.

## Keywords

Fernando Pessoa, António J. Miranda, Santo Tirso, Collecting, Maps.

## Abstract

António José Miranda was among Santo Tirso's most emblematic figures. A man with a strong sense of purpose, Miranda combined his career as a doctor with an ongoing concern about the individual and collective needs of his community. Throughout several decades, he acquired a multifaceted art collection, including paintings, coins, Greek vases, and a vast and comprehensive library in which Fernando Pessoa and his context come to light. This short profile attempts to introduce Miranda, a man of exceptional rigor and consistency.

---

\* Universidade do Minho.

\* Universidade de Lisboa / CLEPUL.

Sempre o colecionador teve consigo o espírito de conservar o que é raro e que é belo, sabendo que contem um valor e significado intrínseco também apreciável por outros com os mesmos interesses.

Têm sido os colecionadores particulares que mais contribuem para a preservação do património nacional das obras de arte e dos documentos com interesse histórico.

Tem interesse divulgar em Portugal um colecionismo que tem tradições noutros países e tem provocado estudos especializados de grande nível, raros entre nós.

António J. Miranda<sup>1</sup>

António Júlia Miranda nasceu no dia 23 de janeiro de 1921 em Santo Tirso. Filho de José Cardoso de Miranda, também médico, filiação que acabaria por ditar o seu futuro profissional, depois de uma infância vivida nas ruas santo-tirsenses, na liberdade do convívio infantil que guardaria sempre com grande saudade. É no Porto, cidade para a qual se desloca no sentido de desenvolver os estudos, que conclui, em 1945, a licenciatura em Medicina e Cirurgia, pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Finda a licenciatura, frequenta, como complemento do curriculum escolar, os Hospitais Cíveis de Lisboa, ganhando a sua prática cirúrgica sobretudo no banco do Hospital de S. José. Em 1943, como o próprio recorda numa entrevista dada em 2007 a um suplemento de *Entre Margens* votado a Santo Tirso, inicia o serviço militar, ambiente em tudo contrário ao seu espírito de homem livre e avesso a autoritarismos: “Fui para a tropa em 43. Para Mafra. Fiquei integrado num pelotão de médicos e bêbados de Coimbra. Puseram-nos à frente um oficial nazi, capaz de eduzir um indivíduo ao zero” (CARVALHO, 2007: 6).

Nessa altura, já havia ficado marcado pelos acontecimentos perturbadores vividos na década de 30, como a Guerra Civil de Espanha, que considera ter definido muito a sua atitude face à política, levando-o a um ceticismo permanente relativamente aos grandes veiculadores de utopias sociais, sobretudo quando representadas por figuras que considerava tenebrosas, como Hitler, Mussolini ou Estaline.

As adversidades vividas durante esse interregno, que o levou do posto de alferes miliciano médico ao de tenente, em 1947, coincidem com a descoberta daquele que se tornaria uma figura indissociável da sua biografia: Fernando Pessoa, ou, mais exatamente, o engenheiro Álvaro de Campos, dado a conhecer com maior amplitude e transversalidade nessa década de 40, através das edições Ática. É em Campos, nomeadamente nos versos de “Lisbon Revisited (1923)”, que encontra inspiração para a sua atitude individualista, próxima do perfil político do

---

<sup>1</sup> Confrontar o manuscrito nos anexos (Anexo II).

próprio Pessoa. Versos que, na entrevista, cita de cor: “Não me venham com conclusões! | a única conclusão é morrer. || Não me tragam estéticas! | Não me falem em moral! | Tirem-me daqui a metafísica! | Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas”. Conclui: “Foi o meu suporte mental para resistir à tropa, ao zero a que nos reduziram” (CARVALHO, 2007: 6).

O seu primeiro regresso a casa é efémero. Em 1947, torna-se médico interino substituto do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso, mas, entre 1948 e 1950, convidado pelo Ministro da Educação Nacional, Dr. Fernando Andrade Pires de Lima, seu conterrâneo, para um período de serviço burocrático como seu secretário. Essas funções não o impediram, contudo, de prosseguir estágios em medicina, a sua paixão de sempre.

O regresso mais consolidado a casa dá-se em 1950 passando a desempenhar, até 1965, funções de Médico Escolar, destacando-se também, a partir de 1954, como médico efetivo do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso. Data também da década de 50 um período como Vice-Presidente e Presidente Substituto na Câmara Municipal de Santo Tirso, no mandato do Dr. Alexandre Lima Castro Carneiro.

A sua carreira como médico distinguir-se-á por uma contínua ascensão, passando de Sub-Director Clínico (1970) a Director Clínico (1974) e a Médico de valência a tempo completo, no Hospital Concelhio (1979), tendo ainda presidido à Comissão Instaladora do Hospital Distrital de Santo Tirso (1982). No âmbito dessa Comissão, António Miranda destacou-se como um dos mais empenhados resistentes à intenção de se extinguir o Hospital de Santo Tirso, considerado demasiado próximo do Porto e de Famalicão. Ao contrário de outros hospitais, como o de Paços de Ferreira, a intervenção de António Miranda, acompanhado pela Câmara e por alguns amigos, como o Eng. Eurico de Melo e Luís Pereira da Silva, permitiu a continuidade de estruturas hospitalares em Santo Tirso. O seu prestígio é também comprovado pelo facto de ter desempenhado funções de Consultor de Clínica Geral na Administração Regional de Saúde do Norte. É lembrado não apenas como médico de excelência, mas também como ser humano de grande sensibilidade, com interesses artísticos consideráveis, componentes que lhe permitiram interessar-se pelos mais diversos aspetos da experiência hospitalar, que procurou melhorar sempre que possível, gerindo com grande rigor o Hospital Distrital de Santo Tirso de modo a enriquecê-lo dos pontos de vista técnico e humano.

Aposentado em 1988, é a partir desse momento que mais demoradamente pôde dedicar a sua vida a uma faceta paralela, mas à qual se dedicou com o empenho habitual: a de colecionador de arte e de literatura. A propriedade de família há muito que era local de repouso de importantes colecções de arte, nomeadamente de vasos gregos, albergando ainda uma imensa e diversificada biblioteca, na qual se destaca uma das mais notáveis colecções particulares

dedicadas a Fernando Pessoa. A sua vocação de humanista, definindo uma sensibilidade na qual o apreço pela ciência e pela biologia se cruzava com uma dedicação ao colecionismo exprimindo uma visão global do ser humano, encontra-se notavelmente expressa pela amplitude de uma colecção escolhida a dedo, abrangendo literatura, pintura, escultura, numismática, cerâmica... Atestando a generosidade de António Miranda, deve notar-se que por diversas vezes a colecção foi dada a conhecer em Santo Tirso, em estreita colaboração com a Câmara Municipal, através de exposições decorridas no Museu Municipal Abade Pedrosa ou da disponibilização da sua vasta biblioteca pessoana para catalogação e consulta, através dos serviços da Biblioteca de Santo Tirso.

Num texto dedicado às diversas componentes desse mundo privado feito de amor pelo conhecimento, de curiosidade pelas potencialidades humanas, de genuíno apreço pelos grandes criadores e pelo modo como deram a ver perspectivas alternativas sobre o mundo, Francisco Carvalho Correia traçou admiravelmente o perfil deste que é certamente um dos grandes colecionadores portugueses. Nesse retrato, salientam-se, entre outros, a “grande e valiosa” colecção de moedas suevas e visigodas, datadas de entre o século V e o século VII, e cunhadas na geografia do Portugal de hoje, rivalizando com as dos grandes numismatas mundiais; o muito significativo conjunto de mapas, que António Miranda recolheu um pouco por todo o mundo nas suas viagens, de que deve acentuar-se o enfoque em Portugal, nos contextos ibérico e atlântico, cujo alcance foi dado parcialmente a conhecer numa exposição realizada na Casa do Infante no Porto, aquando da Comemoração do 6.º Centenário do Nascimento do Infante D. Henrique e que contou com um catálogo publicado (*Cartografia Impressa dos Séculos XVI e XVII: Imagens de Portugal e Ilhas Atlânticas*, 1994); uma impressionante colecção de esculturas em marfim indo-portuguesas, sobretudo figuras de Santos; ou, entre muitos outros objectos reveladores de um transversal mas rigoroso e cirúrgico interesse artístico aprimorado pela consulta progressiva dos mais afamados leiloeiros mundiais, quadros de pintores com ligações a Santo Tirso, como Francisco José Resende, mas também testemunhos de alguns dos maiores artistas mundiais, como Matisse, Picasso ou Salvador Dali. De referir também a existência de três trabalhos de Almada Negreiros, um dos quais uma versão do célebre retrato de Pessoa encomendado pelos donos do restaurante Irmãos Unidos. Almada dedicou essa versão da célebre obra a António Miranda, num contexto que se desconhece, mas que comprova o interesse do segundo pelo Modernismo português.

Uma palavra, também, para a muito reconhecida colecção de vasos gregos, apresentada numa exposição no Museu Municipal Abade Pedrosa, em 2008, com o acolhimento de Maria Helena da Rocha Pereira, umas das maiores especialistas mundiais em cultura grega e romana, amiga de António Miranda desde os tempos de estudantes e que provavelmente estaria ao corrente do desenvolvimento

progressivo da coleção. Na introdução ao catálogo, José Ribeiro Ferreira, natural de Santo Tirso e Professor de Estudos Clássicos na Universidade de Coimbra, exalta a importância desta coleção no âmbito de um progressivo desenvolvimento da curiosidade de Portugal pelos espólios acumulados em território nacional. Sintetizando a singularidade desta coleção de vasos gregos, com palavras que poderiam alargar-se à totalidade da invulgar missão cultural de António Miranda, a própria Maria Helena da Rocha Pereira confessa que este é um exemplo da vitalidade do colecionismo, num tempo de grandes transformações sociais.

Deixamos, intencionalmente, a biblioteca particular para último. Trata-se de uma coleção estimada em cerca de uma dezena de milhar de livros, versando as mais diversas temáticas. Principal jóia da coroa, a maior atenção vai, no entanto, para o verdadeiro espólio dedicado a Pessoa, que deverá situar-se no mesmo nível do de outros colecionadores celebrizados, alguns dos quais revelados por *Pessoa Plural*, ou mesmo dos espólios ao cuidado da Biblioteca Nacional de Portugal e da Casa Fernando Pessoa. Acumulado ao longo de uma vida inteira de aquisições, este manancial engloba a quase totalidade das obras de Fernando Pessoa, em primeira edição (livros, folhetos, revistas de sua colaboração, a que adicionou uma grande quantidade de cartas originais do poeta e de outros companheiros da sua geração, como Mário de Sá-Carneiro), de que se fez uma exposição na Biblioteca Municipal de Santo Tirso. Na síntese de Francisco Carvalho Correia, “Ora doados, ora comprados – na maioríssima parte, de resto – carregou o Sr. Dr. António para a sua biblioteca um conjunto verdadeiramente monumental e precioso [...] patente ao público, através da Biblioteca Municipal” (CORREIA, 2008: 57). Mais uma vez, uma prova inequívoca do seu humanismo e da sua dedicação a Santo Tirso, terra em que cresceu e se fez homem, contribuindo indelevelmente para a preservação do seu Hospital e, nas últimas décadas, para colocar Santo Tirso no mapa da alta cultura europeia.

O interesse do Dr. António Miranda por Fernando Pessoa era muito mais do que atenta dedicação de leitor curioso, apaixonado desde a juventude pelos poemas provocatórios do engenheiro Álvaro de Campos: era também uma derivação do genuíno gosto dele pelo ser humano, pelas suas problemáticas mais inexplicáveis, pela dimensão do génio e do drama de Pessoa, enfim, pelo homem que Pessoa foi, palco dinâmico dos grandes enigmas que o Homem é. Citando Francisco Carvalho Correia: “Querer é poder. Trágico será que se possa e que, porém, se não queira. Mas no primeiro destes factores se encontrará intumescida a chave do sucesso. Quando o homem tem o sonho por realidade, o homem acaba por criar a realidade do sonho. O Sr. Dr. Miranda conseguiu muito bem conjugar o *querer* e o *poder*” (o perfil encontra-se em linha: <http://mmap.cm-stirso.pt/wp-content/uploads/2017/07/vasosgregos.pdf>; ver CORREIA, 2008: 56).

Exemplo da sua contínua vocação de divulgador cultural, deve mencionar-se, entre muitos outros textos publicados na *Revista da Liga dos Amigos do Hospital*

*de Santo Tirso*, uma nota muito significativa acompanhando a publicação de uma carta de Pessoa para Victoriano Braga, datada de 1919, na altura inédita<sup>2</sup>. Numa nota representativa das diversas facetas de António Miranda, e do modo como as colocou ao serviço da sua leitura de Fernando Pessoa, pode ler-se: “Esta carta contribui para o perfil clínico deste homem genial e diferente, despreocupado com a sobrevivência física e económica”. E, inserindo Pessoa no contexto de uma mais vasta curiosidade pelo fenómeno humano, que era também a sua, António Miranda conclui, com precisão e clareza: “O séc. XXI está empenhado no conhecimento profundo dos mecanismos regulares das funções nervosas, por novas técnicas que permitam as descobertas da cartografia da bioquímica e genética do cérebro. A expressão poética de Fernando Pessoa será referência indispensável aos mistérios por desvendar da mente” (MIRANDA, 2000: 48)

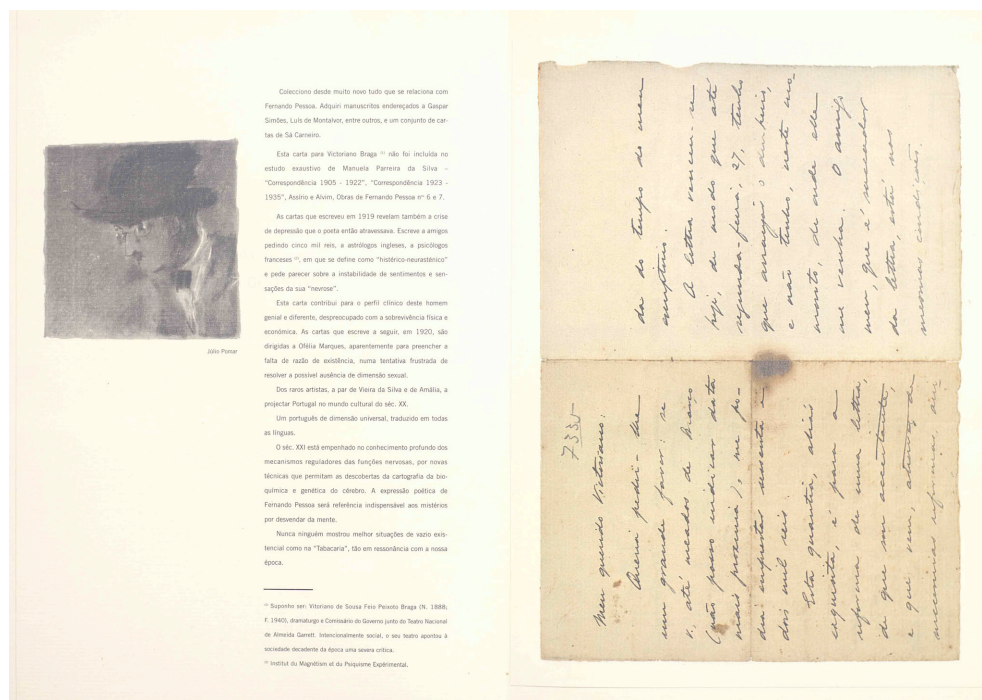
Foi agraciado em 2009 com a atribuição da Medalha de Mérito do Concelho de Santo Tirso, pelos muitos serviços prestados enquanto médico, cidadão e homem de cultura exemplar.

---

<sup>2</sup> Confrontar o impresso nos anexos (Anexo I).

## Anexo I

António Miranda, “Uma Carta Inédita de Fernando Pessoa”. *Revista da Liga dos Amigos do Hospital de Santo Tirso*, n.º 14, Março de 2000, pp. 48-49.



Coleciono desde muito novo tudo que se relaciona com Fernando Pessoa. Adquiri manuscritos endereçados a Gaspar Simões, Luís de Montalvor, entre outros, e um conjunto de cartas de Sá Carneiro.

Esta carta para Victoriano Braga não foi incluída no estudo exaustivo de Manuela Parreira da Silva – “Correspondência 1905 – 1922”, “Correspondência 1923 - 1935”, Assírio e Alvim, Obras de Fernando Pessoa n.ºs 6 e 7.

As cartas que escreveu em 1919 revelam também a crise de depressão que o poeta então atravessava. Escreve a amigos pedindo cinco mil reis, a astrólogos ingleses, a psicólogos franceses, em que se define como “histórico-neurasténico” e pede parecer sobre a instabilidade de sentimentos e sensações da sua “nevrose”.

Esta carta contribuí para o perfil clínico deste homem genial e diferente, despreocupado com a sobrevivência física e económica. As cartas que escreve a seguir, em 1920, são dirigidas a Ofélia Marques [sic], aparentemente para preencher a falta de razão de existência, numa tentativa frustrada de resolver a possível ausência de dimensão sexual.

Dos raros artistas, a par de Vieira da Silva e de Amália, a projectar Portugal no mundo cultural do séc. XX.

Um português de dimensão universal, traduzido em todas as línguas.

O séc. XXI está empenhado no conhecimento profundo dos mecanismos reguladores das funções nervosas, por novas técnicas que permitam as descobertas da cartografia da bioquímica e genética do cérebro. A expressão poética de Fernando Pessoa será referência indispensável aos mistérios por desvendar da mente.

Nunca ninguém mostrou melhor situações de vazio existencial como na “Tabacaria”, tão em ressonância com a nossa época.

## Anexo II

Toda a fundamentalmente tem forma. ~~Portugal de fato~~  
 Portugal ~~é significativamente~~ ~~mapa~~ é um símbolo  
 verbal significativo de uma fatura e de um povo  
 sobre um território. A bandeira e o hino Também  
 são símbolos da pátria, mas o esquema visual que  
 logo apreendemos na infância ~~do mapa de Portugal~~  
 com a melhor constatação com a Nação é o mapa  
 do Território português.

Portugal é indissociável da imagem cartográfica do Território,  
 que se mantém quase sem modificações há 8 séculos.  
 E a mesma ~~representação~~ ~~com~~ ~~o~~ ~~mesmo~~ ~~princípio~~.

Se não conhecemos a <sup>representação</sup> ~~representação~~ ~~territorial~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~nação~~  
 dificilmente temos conhecimento ~~representativo~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~nação~~  
 do país. Teremos qualquer outra informação sobre ~~a~~ ~~ela~~.  
 países.

Para outros países terão maior interesse as coleções de mapas de  
 nas várias épocas porque mostram na sua história dimensões  
 e limites diferentes. Outros, ~~o~~ ~~América~~ ~~descoberto~~.

As Américas e a Austrália ~~o~~ ~~merço~~ ~~da~~ ~~evolução~~ ~~de~~ ~~se~~ ~~ocuparem~~  
 dos territórios têm mapas diferentes ano a ano  
 pelo aparecimento de novas paragens e pela melhor  
 conhecimento dos territórios. geógrafos ~~de~~ ~~Portugal~~  
 Não deixa de ter interesse a coleção dos mapas de Portugal  
 porque nos mostra a evolução dos conhecimentos e a importância  
 relativa das vilas e cidades aí representadas.

Os mapas serviram fundamentalmente para informação de  
 viagens, para governar os povos, para para preparar a defesa ou  
 o ataque ~~na~~ <sup>na</sup> guerra para o conhecimento dos ~~os~~ ~~reinos~~ ~~do~~  
 Territórios, negócios, Turismo, etc.



3

Desmelganda o que conseguimos reunir ~~para~~ da  
cartografia Imprensa de Portugal <sup>pareceu-nos ter</sup> ~~para os~~ de interesse  
para os colecionadores e para os historiadores.

Este volume é ~~destinado~~ <sup>abrangente</sup> não ao século ~~XVII~~ mas ao século ~~XVIII~~  
que se produziram <sup>ne</sup> as mais belas exemplares. (que se requira)

Os mapas exactos e científicos que se produziram a partir  
do ~~seculo XVIII~~ dos fins do século ~~XVIII~~ mas  
merceem a mesma interesse para nós.

tes

## P. 1

Todo o pensamento tem forma. Portugal é um símbolo verbal significante de uma pátria e de um povo. A bandeira e o hino também são símbolos da Pátria, mas o esquema visual que logo apreendemos na infância com a melhor conotação com a Nação é o mapa do Território português.

Portugal é indissociável da imagem cartográfica do Território que se mantém sem modificação há 8 séculos. Se não conhecemos a representação cartográfica de uma nação, dificilmente teremos qualquer outra informação sobre ela.

Para outras nações terão mais interesse as colecções de mapas nas várias épocas, porque sofreram na sua história divisões e limites diferentes. As Américas e a Austrália mercê da evolução na ocupação dos territórios têm mapas diferentes ano a ano pelo aparecimento de novos passantes e pelo melhor conhecimento geográfico.

Não deixa de ter interesse a colecção de mapas de Portugal porque nos mostra a evolução dos conhecimentos e a importância relativa das vilas e cidades aí representadas.

Os mapas serviram fundamentalmente para informação de viagem, para governar os povos, para preparar a defesa ou o ataque na guerra, para o conhecimento das riquezas do Território, negócios. Turismo, etc.

## P. 2

Os mapas mais antigos foram desenhados também como obras de arte - foram uma transposição da realidade sem a complexidade e acuidade científica que temos hoje, mas em conformação com grande beleza feita pela imaginação elaborada do artista. Esquema destinado a ser entendido como símbolo de uma realidade que é comum a todas as obras de arte.

Sempre se colecionaram mapas e os primeiros atlas eram colecções de cartas geográficas que eram solicitadas pelos reis, dignidades eclesiásticas ou pessoas importantes da grande burguesia.

Sempre o colecionador teve consigo o espírito de conservar o que é raro e que é belo, sabendo que contém um valor e significado intrínseco também apreciável por outros com os mesmos interesses.

Têm sido os colecionados [*sic*] particulares que mais contribuem para a preservação do património nacional das obras de arte e dos documentos com interesse histórico.

Tem interesse divulgar em Portugal um colecionismo que tem tradições noutros países e tem provocado estudos especializados de grande nível, raros entre nós.

Também não existem entre nós comerciantes especialmente dedicados à cartografia antiga com a frequência com que os encontramos em Londres ou Amesterdam.

## P. 3

Divulgando o que conseguimos reunir da cartografia impressa de Portugal pareceu-nos ter interesse para os colecionadores e para os historiadores.

Este volume abrange só o século XVI mas é no século XVII (que se seguirá) que se produziram os mais belos exemplares.

Os mais exactos e científicos que se produziram a partir dos fins do século XVIII não merecem o mesmo interesse para nós.

## Bibliografia

Câmara Municipal de Santo Tirso – Acta n.º 7, 8 de Abril de 2009.

CARVALHO, José Alves de (2007). “As Paixões de um Homem sem Paixões Políticas”. *Entre Margens*, n.º 373, 4 de Julho de 2007, Suplemento Santo Tirso, pp. 6-7.

CORREIA, Francisco Carvalho (2008). “O Senhor Doutor António Miranda. Perfil de um Coleccionista”. In *Vasos Gregos em Portugal: Aquém das Colunas de Hércules*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 2008, pp. 56-57 (em linha: <http://mmap.cm-stirso.pt/wp-content/uploads/2017/07/vasosgregos.pdf>).

CORREIA, Pedro Francisco (2008). “Homenagem. Dr. Miranda. O Homem Para Além do Cirurgião”. *Revista da Liga dos Amigos do Hospital de Santo Tirso*, n.º 22, Dezembro de 2008, pp. 26-33.

MIRANDA, António (2000). “Uma Carta Inédita de Fernando Pessoa”. *Revista da Liga dos Amigos do Hospital de Santo Tirso*, n.º 14, Março de 2000, pp. 48-49.